

Cidade, comércios e bancos: manifestações híbridas entre comércios e atividades bancárias em Buenos Aires

DOI: 10.544446/bcg.v11i1.520

Villy Creuz¹

Resumo

A proposta deste artigo é identificar em Buenos Aires os caminhos percorridos pelo dinheiro no pagamento de bens e serviços na economia urbana. Para tanto, a identificação de atividades que estamos chamando de comércios bancários utilizam formas geográficas presentes nas cidades com funções particulares: ofertam serviços financeiros de pagamentos de diversos tipos, vinculando os comércios às atividades bancárias. Nesse contexto, o circuito superior amplia sua capilaridade e a terceirização de serviços bancários acontece por meio das atividades da porção marginal do circuito superior. As demandas advindas da sociedade por atividades financeiras no interior da cidade resultam no florescer dos comércios bancários.

PALAVRAS-CHAVE: cidade; circuitos da economia urbana; comércios bancários; finanças; Buenos Aires.

1 Geógrafo, Doutor em Geografia pela UBA (Universidad de Buenos Aires). E-mail: villy.creuz@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8115-0312>.

Introdução

As cidades são grandes mercados e, ao mesmo tempo, são materialidades onde as divisões de trabalho dão vida às formas geográficas pretéritas e novas. Para compreender esse movimento urbano das cidades, trabalhamos com a teoria dos circuitos da economia (SANTOS, 2004) cuja compreensão supõe a existência de dois subsistemas interdependentes no sistema urbano. Estes são analisados por meio de ramos da economia, à luz da complementariedade do circuito superior e do circuito inferior.

Sobre esse prisma, verifica-se a presença de atividades comerciais que desempenham funções bancárias na cidade de Buenos Aires. Trata-se de redes como RapiPago e Pago Fácil se expandindo no tecido urbano.

As transformações na localização das atividades destas marcas são determinadas pelos processos de terceirização dos serviços financeiros que viremos a pontuar. Por este motivo, a metodologia baseou-se na observação da paisagem urbana, na aplicação de entrevistas semiestruturadas a empresas bancárias e, também, em entrevistas abertas direcionadas aos clientes destas empresas, das quais foi realizado um questionário para um grupo de 65 pessoas, residentes na cidade de Buenos Aires com homens e mulheres entre 25 e 65 anos.

Em efeito, em Buenos Aires, foram criadas condições à eclosão de *topologias* relacionadas aos serviços de pagamento, circulação de moeda e intermediação de informações financeiras por meio de empresas terceirizadas, transformando os serviços prestados no interior do sistema bancário com altos graus de tecnologia, organização e capital.

Dito isso, nesse artigo, será elaborada uma descrição analítica sobre as atividades financeiras às quais denominamos como *comércios bancários*. Trata-se de pequenas lojas e comércios espalhados na malha urbana de Buenos Aires que oferecem serviços bancários e, ao mesmo tempo, desenvolvem atividades comerciais com baixos graus de capitalização, organização e tecnologia. Por meio deste prisma analítico, reconhecemos singularidades nas empresas do sistema financeiro vinculadas aos pagamentos.

Nesse contexto, emergem atividades do circuito marginal superior relacionadas às finanças: pequenas empresas ligadas aos serviços de grandes marcas como RapiPago, da empresa GIRE S. A., e Pago Fácil, da americana Western-Union. Em razão da presença dos novos atores do circuito superior da economia urbana, abroham intermediários de transações bancárias e financeiras.

Estes intermediários da topologia bancária e financeira ampliam as possibilidades de consumo e endividamento da população (LAZZARATO, 2013). Além disso, exercem novas funções na economia urbana. Dentre as tecnologias do sistema financeiro, dentro do sistema de crédito, existe um extraordinário banco de dados responsável por centralizar as informações das transações financeiras. Nesse ponto reside a espinha dorsal do negócio: o controle de gestão informacional. Quem

domina o recurso dessas tecnologias de informação instantânea é um conjunto de bancos, sistemas de pagamento *online*, fornecedores de serviços técnicos e digitais especializados, redes e cadeias de negócios de diversos setores.

O mercado dos comércios bancários

Os comércios bancários são atividades que desempenham uma dupla função: comercializam produtos e operam funções bancárias. Algumas dessas lojas e comércios vendem bebidas, alimentos, recarga de celular e vale-transporte, funcionam também em pequenas lojas de bairro, como lojas de roupas e farmácias, padarias, açougues, assumindo, em paralelo, a função de prestadores de serviços bancários.

É em tal dinâmica que retornamos à ideia de que é o estado das tecnologias que delinea o trabalho na cidade. Portanto, “a constituição de um banco corresponde a um momento de evolução das técnicas” (LABASSE, 1955, p. 94). Nessa dinâmica, as ligações entre o circuito superior, sua porção marginal e o circuito inferior são mais tênues devido ao estreitamento da dependência recíproca, uma vez que “a velocidade de circulação do dinheiro é facilitada pelo elevado número de intermediários e agentes em que atuam o circuito inferior [...]. Mas se o capital circula, há pouca acumulação” e, portanto, “as pessoas continuam pobres” (SANTOS, 2004, p. 233).

Na verdade, as finanças e a tecnologia reformulam o trabalho no ambiente urbano construído. O fator de localização das atividades é central, uma vez que “a localização geográfica define quem tem acesso a quais serviços financeiros e qual é o custo” (DIAS, 2017, p. 385). Os mapas de densidade demográfica participam como ferramentas na tomada de escolhas para definir a potencialidade de clientes de uma agência. Nesse sentido, a relação de laços de amizade e confiança estabelecida entre quem oferece o serviço e o público destes também é importante ao negócio.

A presença destes negócios transforma o cotidiano urbano, promovendo transformações na paisagem. Nesse contexto, a publicidade e as marcas ganham relevância no interior da metrópole, descobrindo e ampliando as fronteiras dos mercados por meio dos negócios no tecido urbano. Os usos do território são mapeados por meio da disposição da oferta de objetos, das funções que desempenham e da relação entre os atores sociais, estabelecendo a solidariedade de mercado entre indivíduos, empresas e instituições a partir do meio construído urbano.

Os agentes financeiros utilizam tecnologias de informação instantânea: bancos, sistemas de pagamento *online*, provedores de serviços, empresas, redes e cadeias de diversos itens. No mundo moderno, o dinheiro é convertido em um grande problema Aritmético (SIMMEL, 2004). De fato, justapostos aos novos atores do circuito superior da economia urbana, aparecem intermediários de transações bancárias e financeiras.

O sistema que envolve a circulação dos fluxos financeiros relacionados aos pagamentos de contas e consumos de bens e serviços tende a ser sustentado pelas vendas nas lojas e estabelecimentos de serviços presentes no meio construído urbano, e pela relação que se posta entre esses atores e os bancos, adquirentes e a oferta de crédito de consumo.

A existência de topologias (hierarquia e grau de dependência) é uma atribuição da divisão interna da empresa por meio da análise de variáveis que medem os ganhos de capital em localizações atrativas². O fenômeno da terceirização de pagamentos bancários a pequenos negócios é, portanto, uma nova realidade, já que diversos atores operam funções financeiras e bancárias, atuando enquanto intermediários entre bancos, pequenos negócios e a população. Onde há concentração do capital bancário e financeiro e, também, a respectiva gestão do dinheiro, existe o aumento do número de intermediários.

Entre as inúmeras manifestações das empresas do circuito superior em Buenos Aires, a realização de funções bancárias acontece por meio de pequenas lojas no bairro, farmácias, cabines telefônicas e quiosques. Geralmente, as pequenas empresas pertencem aos comerciantes locais vinculados a grandes redes de serviços de pagamento para intensificar o fluxo de capital. Os prestadores de serviços da Rapipago e Pago Fácil recebem 1% das contas ou valores recebidos.

A utilização dos espaços comerciais está consolidada e demanda menor investimento direto do circuito superior. Essa forma de terceirização de negócios bancários também encontrou nicho para ampliar sua participação em áreas mais diversas. "A cidade tornou-se um elemento impulsionador do sistema econômico" (DERYCKE, 1983, p. 15).

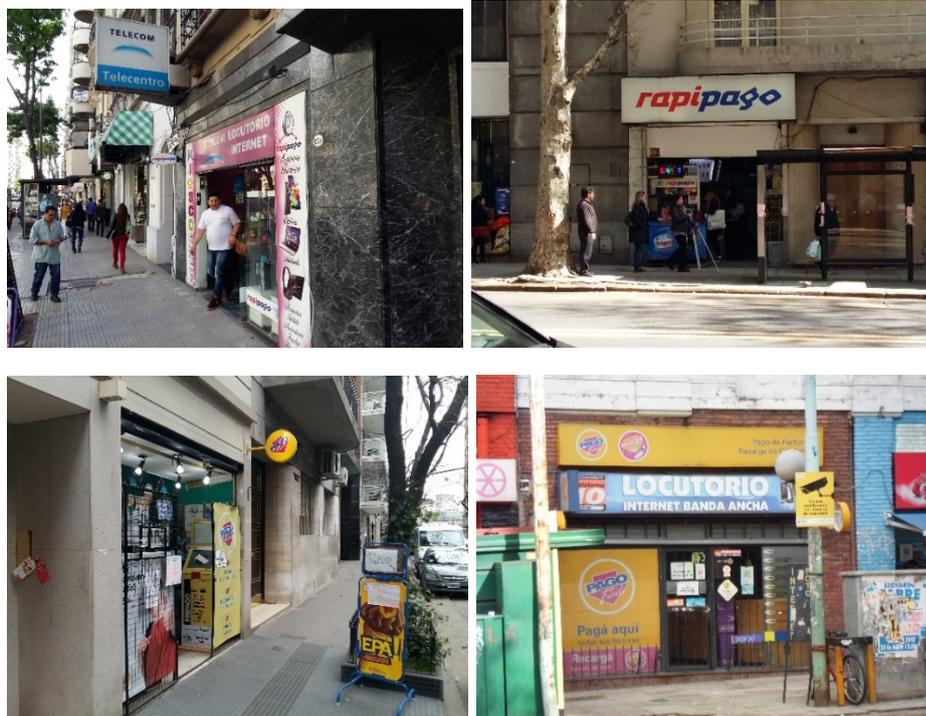
O meio construído urbano é um lugar ideal à reprodução do capital financeiro e ou exercício de atividades bancárias. Nesse sentido, a ideia de Christian Topalov (1978)³ inspira a indagar que há uma socialização dos custos como o repasse e a concentração do capital centralizado no interior do sistema urbano. Dada a concorrência entre marcas – Rapipago e Pago Fácil – a saturação da oferta tende a levar à diminuição do número de agências. De fato, existe uma concorrência contínua entre as empresas e o índice de fechamento de filiais é elevado. Em uma das entrevistas, verificamos um número aproximado: de cada 10 agências, apenas 6 têm sobrevivência de dois anos ou mais.

2 Podemos considerar o correspondente como um acerto geográfico bastante simples do ponto de vista de sua operacionalidade. [...] Estão necessariamente localizados dentro de um estabelecimento comercial já em funcionamento (CONTEL, 2011, p. 254).

3 A ideia de socialização capitalista foi desenvolvida por Christian Topalov (1978): socialização é o termo usado pelo autor para se referir ao que coloca algo em comum entre os atores sociais – desde objetos e elementos infraestruturais do meio, até normas e regulamentos. Capitalista porque reflete o modo de produção que também garante aos proprietários dos grandes capitais a capacidade organizacional de aumento progressivo da mais-valia. A socialização capitalista inclui a socialização das forças produtivas e o consumo social de bens e serviços. O principal ponto da socialização capitalista é a acumulação de mais-valia por atores que controlam grandes volumes de capital, tecnologia e organização, ou seja, são o circuito superior da própria economia urbana.

Localizar os comércios bancários próximos a pontos de ônibus é comum em Buenos Aires. De acordo com os entrevistados, prestadores de serviços de pagamento, muitas vezes, enquanto as pessoas esperam seus transportes, lembram que devem pagar uma conta ou recarregar o celular ou o Cartão SUBE⁴.

Fotografias 1, 2, 3 e 4: Bairros da cidade Buenos Aires, entre 2016 e 2018, com comércios bancários das marcas Rapipago e Pago Fácil em eixos viários.

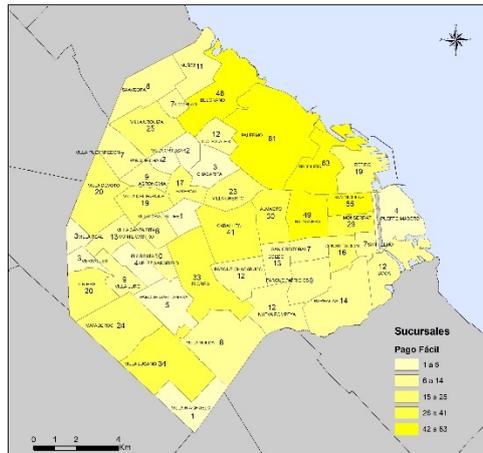


Elaboração própria.

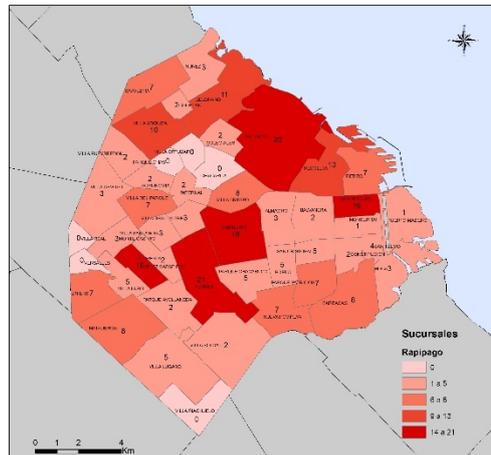
Nesse sentido, é importante destacar que as grandes avenidas e os pontos de circulação de Buenos Aires são lugares excelentes para os donos das atividades. A movimentação de pessoas representa uma demanda espontânea para essas empresas. Na pesquisa que realizamos com um grupo de 65 pessoas na cidade, homens e mulheres entre 25 e 65 anos, 56,36% dos entrevistados utilizam filiais nos bairros onde moram; 30,91% vão para as agências próximas ao emprego e, cerca de 20%, pagam as contas na primeira agência em que encontram.

Nesse sentido, o fator localização está vinculado à posição das atividades no sítio geográfico, no qual, geralmente, tendem a ser escolhidos grandes eixos viários ou ruas paralelas voltadas à circulação de pedestres e ciclistas, em particular, vias que possuem ciclovias.

4 O cartão SUBE é uma tecnologia adotada em 17 das 23 províncias argentinas, vinculada ao transporte de ônibus, trens, metrô e pedágios. Cidadãos ou visitantes do país costumam se cadastrar através do site do Ministério dos Transportes. O cartão pode ser recarregado em vários locais, entre os quais também estão as agências Rapipago, Pagamento Fácil, Full Cargo e Cobro Express.

Mapa 1. Comércios Bancários em Buenos Aires – Pago Fácil (2020)

Organização própria.

Mapa 2. Comércios Bancários em Buenos Aires – Rapipago (2020)

Organização própria.

As marcas presentes nas cidades são os rostos visíveis de uma empresa na paisagem. A marca é o nome, termo, sinal, símbolo ou combinação de ambos, cujo objetivo é identificar bens ou serviços. É importante observar que uma marca não é uma empresa em si e seu nome nos registros legais não coincide necessariamente com o nome visível na paisagem.

O circuito superior tende a produzir demandas por meio da publicidade e do consumo, em razão, também, do investimento em pesquisa e desenvolvimento, de inovações produtivas nos mais diversos ramos da economia. A marca externaliza os conjuntos de associações com grupos de vários campos dos quais pode fazer parte, como o Pago Fácil e sua controladora Western Union. Por isso, contemplar a morfologia do tecido urbano indica de que forma a realidade pode ser analisada. Contudo, certamente, apenas a morfologia não nos oferece a constituição do uso do território. E, quando, mencionamos sobre as marcas e a paisagem, não podemos subestimar o papel da publicidade.

A publicidade dos comércios bancários

Para considerarmos a discussão sobre a publicidade devemos assumir como pressuposto de que a publicidade como um método capaz de fabricar uma marca, tornando esse novo signo um desejo, graças aos meios de indução associados ao ato do consumo. Nesse sentido, a publicidade é um método para construir significados para produtos ou serviços. Desta forma, a marca torna-se o rosto visível de uma empresa integrando uma divisão social e territorial do trabalho seu rosto comercial.

Armand Mattelart (2000, p. 15) concebe a publicidade, ou melhor, o “ato publicitário”, em termos de “três atores profissionais: o anunciante, a agência e o suporte. O primeiro inicia o processo confiando um serviço ao segundo, que o assessora, concebe a mensagem e a direciona para o terceiro” (MATTELART, 2000, p. 65). Entre as tarefas destes atores estão: fiscalizar, pesquisar, analisar o estado e o movimento da mídia, dos mercados e do consumo da população. As marcas são elaboradas para afirmar um produto e conquistar um mercado.

Todo o território é atravessado por marcas, nos mais diversos tipos de áreas, incluindo marcas financeiras. Como já referimos, a marca Pago Fácil compõe o quadro da empresa estadunidense Western-Union, e, a marca Rapipago é um produto da empresa GIRE S. A. Ambas as empresas utilizam desenhos singulares (*layout*) para garantir a imagem de suas respectivas empresas. A marca Pago Fácil utiliza amarelo e lilás, com uma seta que indica onde pagar suas contas rapidamente. Essas indicações também apresentam o nome da empresa que controla as operações de Pagamento Fácil: Western-Union. De acordo com levantamento feito a partir das entrevistas com os lojistas aderentes de Pago Fácil, é assinado um contrato no qual estes se comprometem em manter o desenho da marca, as cores e os equipamentos necessários: computador, leitor de código de barras e o cofre de segurança.

Fotografia 5. Fachada de uma agência da Rapipago. Abasto – Buenos Aires, 2018



Organização própria.

No caso da marca Rapipago é enfatizado a agilidade nas transações de pagamento. Por isso, usa um relógio com pernas que apontam para a aceleração do

dia a dia. O slogan é “Venha, pague e vá”. Nesse contexto, a ideia de “aceleração contemporânea” (SANTOS, 1997, p. 29) adquire uma clara manifestação empírica: “vivemos plenamente o tempo dos signos, depois de termos vivido o tempo dos deuses, o tempo do corpo e o tempo das máquinas. Os símbolos confundem, porque substituem as coisas verdadeiras”.

A aceleração contemporânea é resultado da explosão do consumo, do crescimento exponencial do número de objetos e do arsenal de palavras (SANTOS, 1997, p. 30). É por isso que a aceleração contemporânea acontece como consequência, entre outras coisas, da publicidade, em outras palavras, da produção de uma retórica discursiva que incentiva ao consumo e celebra a velocidade. Desse modo, a coerência do período se expressa na paisagem urbana, por meio das formas visuais das marcas exaltando o limitado tempo no cotidiano.

No que diz respeito às empresas de menor porte, na Argentina, que também estão vinculadas ao mercado extrabancário, podemos destacar: Full Pago, Cobro Express e Cobro Virtual. Percebemos uma profusão de atividades financeiras, com diferentes graus de capital, mas com tecnologias cujas funções são idênticas, vemos também os usos determinados pelas variáveis técnicas e financeiras do território, ou seja, os usos feitos por meio de relações econômicas e sociais baseadas em processos de produção, distribuição e consumo e as etapas desenvolvidas na repartição de tarefas. São formas de ação objetiva do homem e, portanto, não só há uma natureza de riqueza social objetivada, mas há, além disso, uma ideia subjetiva de riqueza e pobreza, que as transforma em conceitos relativos.

Em efeito, as formas de consumo se multiplicam no território, e as bases materiais para a realização das operações de compra e venda de serviços que respondem a essa demanda também cresceram.

Consumo e comércios bancários

A monetização, ou seja, a capilarização do dinheiro nas relações sociais, é um produto histórico estabelecido por meio de objetos disponíveis em cada momento histórico. Cada momento de monetização da sociedade decompõe e mobiliza novas divisões sociais e territoriais do trabalho, transformando as formas de produção e consumo de seu tempo.

Cada atividade é função da divisão territorial do trabalho e seu valor é determinado, em última instância, pelo lugar em que se manifesta junto com outras atividades. Por isso, a divisão territorial do trabalho hierarquiza os lugares e redefine, a todo o tempo, a capacidade de ação das empresas, pessoas e instituições. Em outras palavras, cada modernização, ou seja, a introdução de uma nova divisão territorial do trabalho, fomenta novas circunstâncias para a ação dos atores e dos novos parâmetros para o valor de seu trabalho. Desse modo, a verdadeira explicação só pode ser alcançada estudando a evolução histórica, em que “percebemos a sucessão das divisões territoriais do trabalho, sem esquecer que cada período revela uma coexistência de tais divisões” (SILVEIRA, 2014, p. 20).

No presente, dentro dessa “imagem” da vida social que anima o movimento do território, a *nova natureza técnica do dinheiro* instala uma divisão de tarefas no interior do subsistema financeiro vinculado aos pagamentos de contas, serviços e bens. Tal fenômeno ocorre porque as condições técnicas do fluxo monetário permitiram o aumento a velocidade e do volume em circulação por meio da integração entre cibernética, informação e finanças.

Neste momento, a circulação de dados é evidente a partir da nova divisão do trabalho, em que as pequenas empresas operam transações com atores sociais co-presentes (GIDDENS, 2003), por meio da contiguidade urbana e do contato pessoal. São grandes empresas e grupos que realizam a gestão e transferência de fundos e capitais entre bancos comerciais e o Banco Central, bem como a logística do fluxo monetário nas cidades e, ainda, o fluxo do dinheiro virtual.

Um dado do período: o circuito superior tende a não negociar diretamente com indivíduos, mas opera por meio de logaritmos financeiros nas transações financeiras. A operação financeira do circuito superior “puro” é realizada por meio de algoritmos e com altos parâmetros de segurança contra fraude.

De tal sorte que, ao parafrasear Milton Santos (2008, p. 22), a questão do presente é, então, levar em conta os contextos e não as causalidades. Nesse sentido, “o valor de cada variável não é função de si mesma, mas de seu papel dentro de um conjunto”. Daí que, no contexto da globalização, o fluxo de dinheiro por meio de vasos de informação amplifica a força das finanças como variável central ao modelo produtivo atual.

Nesse contexto de relações de produção, as variáveis-força e suporte⁵ constituem partes integradas do sistema técnico presente no território. “Novas técnicas, principalmente as de processar e explorar inovações, trazem, como nunca antes, a possibilidade de dissociação geográfica para as atividades” (SANTOS, 2008, p. 44). Essas técnicas são continuamente adicionadas às formas geográficas, recriando funções e dando um novo significado ao conteúdo material dos lugares e, em especial, nas grandes cidades.

Porém, é a variável-suporte (SANTOS, 1994) que mantém viva a porção marginal com os atores co-presentes nos lugares e na extensão do tecido urbano. A densidade demográfica de Buenos Aires permite aos comércios bancários sobreviverem em meio às sucessivas modernizações dos sistemas de pagamento. Neste contexto, as “novas formas de financeirização, mais abertas à globalização financeira, produzem pressões significativas sobre as modalidades de valorização do capital” (SALAMA, 1998, p. 235). A tecnologia utiliza os instrumentos necessários para as novas modalidades, agregando novas atividades através dos canais de comunicação instantânea (internet e todos os semoventes que as operam).

5 Variáveis-força são vetores de reestruturação de um conjunto de atividades. Geralmente, estão relacionados a tecnologias e são produzidos por atores do circuito superior, capazes de investir em inovação. As variáveis-suporte constituem o segundo momento das variáveis-força. Eles se espalham por todo o território e seu uso tende a se tornar trivial na sociedade como um todo.

Dessa forma, os novos intermediários na topologia bancária e financeira ampliam as possibilidades de consumo e a possibilidade de ampliação dos mecanismos de endividamento da população. A engenharia de pagamentos produz uma complexa rede de cooperação entre atores sociais com alto grau de organização, tecnologia e capital.

No entanto, todo o sistema tende a ser sustentado por meio do consumo, das vendas em lojas e de serviços, e da relação destes atores com os bancos, com os adquirentes e as suas situações de crédito dos clientes. Toda essa cadeia de valor e produção põe a economia em movimento, potencializada pela digitalização monetária.

Além disso, outro vetor impulsionou a comercialização de operações de pagamento em Buenos Aires: o fato de os bancos promoverem a supressão das funções de suas agências. Essa dinâmica já era inegável a partir da incorporação de tecnologia nas agências bancárias.

As empresas do circuito superior tendem a estabelecer uma série de métodos de organização na gestão das marcas, nos desenhos dos seus prestadores de serviços, na sua própria fabricação de *software*⁶, como é o caso da Rapipago, empresa do grupo GIRE S.A. Estes sistemas são inerentes à receita monopolística do capital bancário. De fato, "as atividades econômicas essenciais não são mais de produção e acumulação de objetos físicos, mas a emissão e tratamentos de fluxos, canalizados por meio de 'rotas digitais'" (GOLDFINGER, 2002, p. 78).

Por essa razão, a *informação é um fator de produção* não só para o circuito superior, mas também para os atores do circuito marginal superior e do circuito inferior. As operações bancárias fazem parte do dia a dia das populações. Eles compõem todo o sistema urbano, também entendido como um grande mercado. Nesse sentido, poderíamos citar Henri Lefevre (1969, p. 57), quando afirma que a cidade é a mediação ativa do desenvolvimento capitalista, uma vez que "o urbano intervém na produção e concentração do capital".

O consumo é fundamental à reprodução da força de trabalho e para a reprodução material da sociedade (alimentos, medicamentos, serviços de saúde, educação, habitação, etc.). A geógrafa Silvia Busch (2018, p. 20), falando do contexto argentino, destaca que "Buenos Aires é a primeira cidade em tamanho e continuação sendo o principal polo de regência, produção e consumo do país". Nessa ordem de coisas, os vasos comunicantes entre os dois circuitos constituem uma oposição dialética criada, por um lado, pela expansão do consumo ligado à publicidade e pela expansão do mercado do circuito superior (produtos e serviços financeiros) e, por outro, pelo crescimento do circuito inferior associado ao consumo e, em paralelo, ao

6 Para a geógrafa Melissa Steda (2017, p. 14), "a distribuição de softwares pode denotar ainda solidariedades entre empresas, quando requerem produtos entre si, e entre empresas fabricantes de software e de outros setores, quando estes utilizam-se de produtos feitos sob demanda ou quando comercializam software".

circuito marginal superior vinculado pelo fornecimento de bens e serviços ligados às finanças.

Nesse sentido, o sistema urbano é composto por diferentes tipos de demandas e diferentes itens de consumo. Por isso, o consumo e suas formas de realização são realidades explicativas, pois estão vinculadas à produção e à oferta. No espaço geográfico, vínculos e coisas se encontram (SILVEIRA, 2017): população e sistema bancário; endividamento e formas de acesso ao crédito; consumo eletrônico e expansão de pequenas agências bancárias terceirizadas; aumento do circuito superior e aumento da pobreza relativa e estrutural. Todos esses vetores e variáveis em contínuo conflito e cooperação resultam na vida dos múltiplos atores presentes no sistema urbano.

Um dos pontos centrais é entender que o circuito marginal superior e o circuito inferior têm grande capacidade de absorver coisas, demandas, mercados, empregos e atividades. Na verdade, quando os tipos de consumo se transformam, as bases do sistema produtivo também mudam. As modernizações são responsáveis por inovações nos tipos e regularidades de consumo. Com efeito, cada novo produto opera simultaneamente fatores políticos, dados técnicos e o consumo de toda a população.

As inovações do sistema de pagamentos das empresas do circuito superior estão vinculadas a um ganho global de capital, acelerando a circulação monetária e também o fluxo de produtos. A geografia da rápida circulação do capital é a manifestação de uma geografia do tempo acelerado, coerente com uma divisão do trabalho muito complexa e heterogênea. Nesse movimento do território, os tipos e regularidades de consumo no circuito superior da economia urbana estão relacionados aos tempos particulares de consumo local, ou seja, às formas singulares do tempo geral.

Nessa ordem de coisas, os tempos dos fluxos acelerados se confundem com as singularidades dos contextos nos lugares. O tempo global, da economia global, sinônimo de tempo das grandes capitais, divide-se nos tempos lânguidos do cotidiano e na contiguidade dos lugares e dos bairros portenhos. Isso resulta em um processo de aceleração dos fluxos de capital em todo o sistema urbano com a ajuda do trabalho distribuído entre atores com menores graus de organização, capital e tecnologia.

Considerações finais

Definir o significado de cada atividade e dos conteúdos urbanos implica nos questionarmos: quais são as formas essenciais para o desempenho das funções das atividades? Por um lado, existe um ponto material e tecnológico das formas possíveis de produzir uma ação. Por outro lado, há um ponto imaterial, no modo de conceber a produção de uma ação.

Esses dois elementos são simultâneos e, portanto, vínculos e coisas são paralelos. Os métodos de pagamento são simultâneos aos objetos técnicos para

fazer esses pagamentos. Os métodos de pagamento resultam na organização da divisão territorial do trabalho financeiro nas cidades.

Buenos Aires, a partir da agregação de uma coleção de objetos geográficos, revela a participação na divisão internacional. A economia urbana de capital argentina é uma manifestação das forças operantes do circuito superior ao gerar demandas abre espaço para que novos atores, que chamamos de comércios bancárias, realizem suas atividades. Os comércios bancários inserem-se numa dinâmica do circuito superior da economia, através dos sistemas bancário e financeiro, em que nenhum mercado é desprezado. Porém, a capacidade de chegar aos mais diversos pontos da cidade não se concretiza sem a participação de atores da porção marginal do circuito superior. Nesse movimento, essas funções e conteúdos tornam-se expressões do modo de produção dominante. Portanto, as funções e os conteúdos se mesclam por meio de suas funcionalidades.

Em Buenos Aires existe um mosaico de situações em que as transformações de suas configurações territoriais estão vinculadas à necessidade de criar uma distribuição funcional do trabalho para as grandes capitais. O pagamento das faturas e boletos dos estabelecimentos bancários mostra o papel do consumo e o elo entre o sistema financeiro e as formas de expansão do circuito superior e a cooperação da parte marginal na divisão das tarefas.

Bibliografia

- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema de objetos*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BUSCH, Silvia. *Modernización en el circuito productivo de alimentos y aceleración contemporánea en la región metropolitana de Buenos Aires*. Tese (doutorado). Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2018. 206p.
- CIBILS, Alan; ALLAMI, Cecilia. El sistema financiero argentino. Desde la reforma de 1977 hasta la actualidad. *Realidad Económica*. n. 249, p. 107-133, 2010.
- CONTEL, Fabio Betioli. *Território e Finanças. Técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2011.
- DERYCKE, PH. *Economía y Planificación Urbanas*. Madrid: Instituto de Estudios de Administración, 1983.
- DIAS, Leila Cristina Duarte.; LENZI, Maria Helena. Reorganização espacial de redes bancárias no Brasil: processos adaptativos e inovadores. *Cadernos CRH*, v. 22, n. 55, p. 97-117, 2009.
- DIAS, Leila Cristina Duarte. O correspondente bancário como estratégia de reorganização de redes bancárias e financeiras no Brasil. *Geosp – Espaço e Tempo (Online)*, v. 21, n. 2, p. 384-396, 2017.
- GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GOLDFINGER, Charles. *Trabalho e extratrabalho. Em direção a uma sociedade fluida*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- LABASSE, Jean. *Les Capitaux et la Région. Étude Géographique. Essai sur le Commerce et la Circulation des Capitaux dans la Région Lyonnaise*. Paris: Librairie Armand Colin, 1955.
- LAZZARATO, Maurizio. *La fábrica del hombre endeudado. Ensayo sobre la condición neoliberal*. Buenos Aires: Amorrortu, 2013.
- LEFEVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Documentos, 1969. 155p.
- MATTELART, Armand. *La publicidad*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2000. 144p..
- SALAMA, Pierre. A financeirização excludente: as lições das economias latino-americanas. In: CHESNAIS, François. *A Mundialização Financeira: gênese, custos e riscos*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996. 367p.
- SANTOS, Milton. *O espaço dividido. Os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos*. São Paulo: Edusp, 2004. 433p.
- SILVEIRA, Maria Laura. El territorio usado: un caleidoscopio de divisiones del trabajo. *Revista Geográfica del Sur*. v. 5, n. 7, p. 15-34, 2014.
- SILVEIRA, Maria Laura. Banalidade das finanças e cidadania incompleta: lugar e cotidiano na globalização. *Geosp – Espaço e Tempo (Online)*, v. 21, n. 2, p. 370-383, 2017.
- SIMMEL, Georg. *The Philosophy of Money*. London: Routledge, 2004.
- STEDA, Melissa. Difusão de tecnologias da informação e produção de software no Brasil urbano. In: *Anais do II Congresso Internacional Caleidoscópio da Cidade Contemporânea*. Campos dos Goytacazes, 2017.
- TOPALOV, Christian. *La urbanización capitalista*. Cidade do México: Editorial Edicol, 1978.

City, retail and banks: hybrids manifestations between retails and banks in Buenos Aires

The proposal of this paper is distinguished from geographical forms in the city of Buenos Aires the trails of money in the movement in the urban economy dynamics. The banking businesses have been using geographical forms in Buenos Aires with particular functions: they offer financial services for payments of the most diverse items. In fact, we look at some situations in Buenos Aires, concerning street shops and banking activities. In this sense, the expansion of the upper circuit and the outsourcing of banking services in the activities of the marginal upper circuit was a simultaneous process. The demands that come by society for financial activities results in the emergency of banking businesses.

KEYWORDS: city; urban economic circuits; banking services; financial services; Buenos Aires.

Ciudad, comercios y bancos: manifestaciones híbridas entre comercios y actividades bancarias em Buenos Aires

El objetivo del trabajo es identificar en Buenos Aires los senderos del dinero en la dinámica de la economía urbana. Los comercios bancarios utilizan formas geográficas presentes en las ciudades con funciones particulares: ofertan servicios financieros de pagos de diversos rubros, vinculando los comercios a las actividades bancarias. En ese contexto, el circuito superior amplía su capilaridad y la tercerización de servicios bancarios se efectiva en las actividades del circuito superior marginal. Las demandas que advienen de la sociedad por actividades financieras en el interior de la ciudad resultan en el florecer de los comercios bancarios.

PALABRAS CLAVE: ciudad; circuitos de la economía urbana; comercios bancarios; finanzas; Buenos Aires.

Artigo recebido em setembro de 2021. Aprovado em dezembro de 2021.